

## **Anexo 1**

### **SESSÃO CLÍNICA - II**

PSY: I. entra e depois de me cumprimentar, e de trocarmos algumas impressões quanto ao aquecimento da sala (Comentário da PSY: isto tem a ver com o facto de ser um sitio destas mudanças de temperatura e ser um sitio que nunca (...))

Senta-se, eu não olho de imediato para ela faço isto e ela fica em silêncio como que aguardando que eu olhe para ela e inicie

PSY: Então? Eu como eu ia-lhe perguntar como...Sou interrompida por um riso que por vezes acontece. A I antes de iniciar, ri-se para me dizer depois que está tudo na mesma. Ela faz isto dá mesmo assim uma gargalhada não muito estridente mas ri-se (Comentário PSY: Este riso é ainda desconfortável, eu já me habituei um bocadinho a ela fazer isto, mas ainda é desconfortável e associa um certo modo irónico que a Isabel por vezes utiliza para falar do seu sofrimento e que me contamina)

I: não sei que diga...

PSY: Em que tem pensado? O que é que lhe tem ocorrido?

I: Não tenho pensado grande coisa (Comentário PSY: também é uma resposta muito típica dela." Não tenho pensado")

I: não tenho pensado, não tenho pensado

PSY: Temos falado aqui de muita coisa que pensa...mas acha que pensa pouco?

I: Acho, ultimamente penso pouco

PSY: Parece que age muito...sempre em agitação...

I: Sim, sim...

SPV: Isto é neste ritmo? É assim que se passa?

PSY: Parece que lhe custa parar para pensar...

I: não, pelo contrário. Não consigo é parar com isto...(NB: I age uma transferência reativa e “em espelho” com a contratransferência maternal superegóica e controladora da PSY, instalando-se em contra-atitude de controlo maníaco da frustração que inconscientemente é suscitada pela atitude da PSY)

PSY: Parar com...

I: Mudar a minha vida, organizar as coisas de forma diferente, não consigo, tinha uma série de planos no fim-de-semana e não fiz nada...

PSY: Que planos é que tinha?

I: Tinha umas arrumações para fazer e até me apetecia, mas estava um tempo tão bonito...e temos uma casa junto ao mar que era preciso arrumar e fechar, o mar estava a 19 graus(Comentário PSY: portanto ela é muito pormenorizada depois nestas coisas)

I: O meu filho teve treino de manhã, decidimos ir lá, se estivesse bom tempo até tínhamos tomado banho, mas estava desagradável. Depois almoçamos. Ultimamente é um tormento, porque é sempre a mesma conversa, o relacionamento deles é mau... Há casos e casos! Pelo amor de Deus! Não é nada disso... Isto mexe muito comigo. O meu marido, quer lá saber, ele é diferente, não o afeta muito, tem uma forma de lidar com isto diferente, eu fico péssima e eu cada vez menos suporto isto.

PSY: Quando dizia que não conseguia sair disto, as circunstâncias que a rodeiam também não têm facilitado ou facilitam...

I: Não, de modo nenhum, a minha tia tem uma atitude diferente....A minha avó paterna também vivia problemas mas eu percebia, ela não tinha amigos e nem sempre se consegue dar a volta à vida, mas isto é outra coisa

Fica em silêncio por um momento

I: Foi de todos os lados, era eu profissionalmente, era o meu marido, foram os meus pais, foram os meus sogros tudo ao mesmo tempo...

PSY: de repente há um conjunto

I:Foi um descalabro!

PSY: Para si está a ficar claro, quando dizia que “cada vez menos suporte isto” (ComentárioPSY: e ela nunca me deixa terminar assim estes raciocínios. Eu começo a dizer uma frase e normalmente sou interrompida)

I:Pois isso é mau!

PSY: Mas não terá também um aspeto positivo?...o que significa isto de não suportar?

I:Significa que estou “saturada”. Não me apetece, mas é mau, porque estou a perder a paciência, olhe, não me apetece, pronto, não me apetece.

PSY: Issoserá assim tão mau?

I:É mau porque há coisas que tenho de fazer!....

PSY: Estava a pensar que perante esta perspetiva da vida que se lhe apresenta, há um lado seu que está com menos paciência para este lado destrutivo, isso também é bom!

I:Ah,Claro que é bom, quando a pessoa não pode fazer nada e também não deixam fazer nada

PSY:Está a lutar, é como se a quisessem empurrar para um lado mais depressivo da vida e não quer

I: o meu avô materno dizia todos os Natais que era o último e a minha sogra diz: se eu ainda cá estiver...os meus pais tiveram uma fase menos boa mas nunca foi assim, é

diferente, eu não suporto isto, se um dia chegar a este tipo de coisa, piro-me, prefiro ficar sozinha, não suporto e todos os almoços é isto, é sempre a mesma conversa, sempre a mesma coisa.

PSY: Está muito irritada, este lado da sua irritação é o lado que não quer isto, que não encaixa nisto, que luta.

I: Claro, o meu marido assume que não tem paciência e toda a gente assume que ele não tem paciência, e eu tumba! Eu disse que esta semana se estiver com disposição, tudo bem, se não...

PSY: tem planos diferentes para esta semana?

I: tenho o meu filho em casa a estudar, e eu entretanto queria arrumar umas coisas.(

PSY: Agradam-lhe os seus planos...quer ficar voltada para as suas coisas.

I: Sim, sim isso...

PSY: as coisas com os seus pais parecem também estar mais estabilizadas.

I: sim com os meus pais estão, as coisas estão melhores só estou pouco com eles.

PSY: quando diz que sente que não está o suficiente com os pais, pensei que ainda se culpabiliza com

I: É verdade.

PSY: O que seria para si o ideal para se sentir bem consigo própria em relação a eles, claro?

I: Ir lá a casa um bocadinho todos os dia ...ou virem eles a minha casa.

PSY: vê possibilidade de arranjar isso com o seu irmão?

I: vai ter que ser, ela só agora é que começa a tomar consciência do que se passa, vai lá todos os domingos mas só lá está uns minutos e vai embora. A minha mãe anda a tentar ir lá aos domingos e ela não quer que ela vá lá. Esteve a falar comigo e tudo lhe faz impressão! Há coisas que temos de perceber! Ele sai de lá “na fossa”! Eu no principio aconteceu-me isso, mas agora não me afeta. A minha irmã foge de tudo, eu aguento demais, o ideal era metade de uma e metade de outra

PSY: Tem trabalhado bem a situação dos seus pais, o “luto” desta perda.

I: estou melhor sim, está mais fácil.

PSY: esta questão da sua culpa em relação a eles talvez pudesse também ser trabalhada um pouco mais.

I: Falo com a minha mãe mas com o meu pai pouco. Eles também não estão sozinhos assim há tanto tempo...

PSY: Pensando em si parecia ficar mais satisfeita se pudesse conversar mais com o seu pai...

I: A minha mãe não reage muito, mas o meu pai gosta

PSY: E a I também...

I: eu também...

PSY: a relação com o seu pai sempre foi especial...deve ser um bom momento para si

I: sim se calhar, acho que sim...eles às vezes vão lá a casa... continua a haver problemas

PSY: Tem evoluído nesta questão da aceitação do envelhecimento dos seus pais e estava a pensar que poderá estar à procura de como tirar gratificação deste momento....

Por exemplo estar com o seu pai e conversar com ele, retirar prazer pessoal disso...o lado bom daquilo que é menos bom

I:A minha avó tinha coisas assim, diziacoisas a desproposito mas que nós achávamos graça e de que nos lembramos agora.

PSY: Parece estar mais predisposta a retirar o lado bom daquilo que apesar de tudo não está bem, poder usufruir de um modo mais pacífico, que me parece ser aquilo que sente.

I: Sim, sim, até tinha pensado organizar as fotografias da minha mãe...já me lembrei disso há uns tempos.

PSY: as coisas parecem estar a organizar-se melhor na sua mente, diferente do modo mais confuso que trazia antes, começam a ficar um pouco mais no seu lugar

I:Sim, acho que sim.

PSY: é importante poder exprimir a dor, a tristeza

I: O meu marido também nunca resolveu, nunca falou das coisas, houve uma altura em que eu comecei a dizer umas coisas do meu cunhadoe ele começou a “fazer-me uns olhos”, isso é idiota! A pessoa deve falar!

PSY: o seu marido deve ter muita dificuldade em lidar com os sentimentos

I: Acho que tem, mas com crianças não, com o meu filhão, o meu marido não tem qualquer problema em falar dessas coisas

PSY: mas fala daquiloque sente?

I: não fica assim um bocado...

PSY:Consegue falar das suas tristezasquando está aborrecida?

I: não sei...depende,falou comigo quando o meu cunhado morreu, mas depois fechou e nunca mais. Eu achei que ele iria continuar a falar mais, mas nunca mais isso aconteceu. Acho que é egoísmo, o meu marido não sente necessidade dos outros, não sente, não sente não sente necessidade dos outros como apoio, se sente muita, muita necessidade, fala, senão não fala.O meu filho vai pelo mesmo caminho. No entanto, parece-me estar bem com ele próprio.

PSY: procura falar com ele?

I: Olhe, não procuro, não procuro

PSY: E ela diz isto como quem não é capaz ou não faz, fala com pesar.

I:olhe deixei!... não sei fazer isso porque não se criou esse hábito, quando ele era pequenino sim, fartávamo-nos de falar, depois a minha vida profissional foi uma loucura e depois a história do meu cunhado, olhe não sei...

PSY: Falou-me há algum tempo como conseguiu falar com ele dos estudos, ouvindo mais. Quando diz não sei, parece estar muito “presa” a uma ideia de que não vai resultar, que não vai correr bem, é isso que pensa?

I: não sei mesmo, eu não sei falar das coisas mais íntimas dele, um dia a minha prima começou a falar com ele e foi com uma facilidade enorme que já falavam das raparigas e ele respondia, e eu parva a olhar para aquilo! Sinto-me pouco à vontade, foi uma mudança muito radical, passei de uma fase em que falava muito, para outra.

PSY: o que lhe passa pela cabeça, que ele não vai gostar?...

I: eu sou tímida, não é só com ele, eu iniciar uma conversa dessas, às vezes lá calha, mas não é muito natural em mim

PSY: é mesmo isso, o deixar fluir a conversa...gosta de conversar...

I: gosto, mas não sou boa a iniciar conversas, deste género!

PSY: são muito diferentes das outras, sente-as como...mais pesadas?

I: Talvez, percebo isso mas não consigo “desbloquear” com o meu filho, o tipo de relação que fomos criando com ele também conduziu a isto.

PSY: Estava a pensar na dificuldade de que falava quanto a não poder ser espontânea na relação com o seu marido...na sua família em geral

I: falamos...

PSY: iniciou a sessão por uma ida à praia que senti muito agradável e nesses momentos descontraídos e calmos é mais fácil. Agora abordamos de novo a espontaneidade, a possibilidade de acontecerem diálogos

I: Quando estou descontraída consigo, mas se estou preocupada, sou “chata”, ele diz mesmo que os pais são chatos... Quando estou sozinha com ele não consigo...

PSY: Porque não consegue quando está com o seu marido?

I: porque ele contamina, ele não descontrai, tudo tem de ser de determinada maneira!

PSY: Estava a pensar que talvez aceitando e brincando com o que o seu marido é, poderá diminuir essa tensão e mostrar uma I. mais genuína, e mais descontraída, que poderá experimentar também algum prazer em ouvir o seu filho, mais do que preocupar-se com aquilo que lhe deve dizer

Final da sessão